

As revoluções do novo presidente

Antes de vestir a faixa de presidente da República, Fernando Henrique Cardoso passou a ser sinônimo de grandes transformações. Só a presença de um intelectual de seu calibre no Palácio do Planalto indica o grau de mudanças esperadas do Ano-Novo em diante. Mas se espera dele muito mais do que elevar o nível das relações do poder com o poder, e do poder com a sociedade. Espera-se também o impossível: que Fernando Henrique promova revoluções por toda parte.

Ele mesmo já disse que quer fazer uma revolução na Educação, principalmente no Ensino Básico. O país não avançará do estágio atual de desenvolvimento se não der um salto na qualidade de sua Educação. Na Educação estão as raízes de grandes problemas brasileiros — dos níveis primitivos de mortalidade infantil aos índices absurdos de esterilização feminina patrocinada pelo dinheiro do contribuinte, pois na grande maioria dos casos é feita em hospitais públicos ou conveniados com o Inamps; do assustador grau de violência urbana — nela incluída tanto as balas perdidas e as certezas, como a agressividade dentro de casa e na rua — à baixa qualificação profissional da grande massa de trabalhadores brasileiros.

Um ministro da Educação revolucionário não terá que ser apenas um professor com idéias geniais na cabeça, mas alguém que também tenha a coragem de enfrentar o corporativismo do setor. A corporação se tornou forte porque precisa reivindicar. E reivindica porque os governos em geral não fazem na Educação nada além de apagar incêndios.

Uma boa amostra do que Fernando Henrique pensa de tudo isso foi dada numa entrevista a uma televisão de São Paulo, pouco antes da eleição. Perguntei como ele, sendo a favor do fim das aposentadorias especiais para ajudar a resolver o rombo da Previdência, encarava a idéia de acabar também com a aposentadoria de seus colegas professores aos 25 anos de serviço.

Fernando Henrique contou, então, que certo dia enfrentara esse problema cara a cara com os professores, numa assembléia. Perguntou a vários deles por que tinham interesse em se aposentar tão cedo. Eles responderam que era para ganhar outro salário. O problema, então, concluiu Fernando Henrique, não é a aposentadoria, é o salário. Se pagar bem ao professor, ele não vai querer se aposentar no seu melhor momento de vigor intelectual, por volta dos 45 anos de idade.

Não se espera de um professor-presidente menos do que uma revolução na Educação acompanhada de outra na Ciência e Tecno-

logia. Esta é uma área de que Fernando Henrique vem cuidando com muito carinho, nesta fase de construção dos alicerces de seu governo. Emissários seus têm feito reuniões com empresários e intelectuais em São Paulo, para discutir como o governo pode empurrar o Brasil para o seu salto tecnológico.

A vantagem de assumir um governo e pensar em revoluções é, primeiro, enxergar o país no seu conjunto, e depois sonhar o mais solto dos sonhos. Como Fernando Henrique conduz sempre as suas conversas para um plano mais amplo, de conceitos e visões estratégicas, os grupos corporativos ou regionais terão que se encaixar nesse figurino.

Ele já vem colhendo frutos dessa pregação. Transformou, por exemplo, a gula do PMDB pelos cargos públicos em vivo interesse pela causa pública — como se os santinhos que hoje querem discutir o apoio às propostas do novo governo jamais tivessem sido capetas com tridente espetado em qualquer sala de chefia da Esplanada dos Ministérios ou de suas ramificações nos estados.

Houve nos últimos 15 dias duas tentativas de articulação de reuniões de governadores, e ambas fracassaram. Uma delas foi de iniciativa dos governadores eleitos de Minas Gerais, Eduardo Azeredo, e do Espírito Santo, Vítor Buaiz. E a outra partiu da Sudene.

Azeredo e Buaiz estavam bem-intencionados. Queriam juntar forças para dar ao futuro presidente mais garantias de que as suas reformas serão aprovadas no Congresso. A reunião organizada pela Sudene com os governadores eleitos do Nordeste foi em causa própria. Preocupada com a hipótese de vir a ser extinta ou esvaziada, porque é um projeto fracassado, a Sudene procura fazer seu estoque de oxigênio para a hora da agonia.

Como reuniões de governadores acabam tendo efeito de maçarico sobre os cofres públicos, a idéia mais recente dos aliados de maior peso de Fernando Henrique no Nordeste, como Tasso Jereissati e Antônio Carlos Magalhães, é a de tratar dos problemas da região de uma forma global, considerando a região um problema do Brasil, e não apenas de cada estado e de sua elite política e empresarial.

Como diz Tasso, assim como se trata o Mercosul como uma questão nacional, e não apenas de interesse dos estados do Sul e do Sudeste, o Nordeste também deveria ter uma solução semelhante. Antônio Carlos Magalhães acha que este é um momento de ouro para se encaminhar uma solução definitiva para a sofrida economia nordestina — mais uma das esperadas revoluções de Fernando Henrique Cardoso.